



PRESENÇA MASCULINA NO MAGISTÉRIO INFANTIL

José Luiz Ferreira; Guilherme Lima de Arruda

Universidade Federal de Campina Grande

zferreira@ufcg.edu.br; guipedagogia@hotmail.com

Resumo

Este trabalho é parte integrante de estudos e pesquisas realizadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande com o foco nas questões de gênero, sobretudo no que diz respeito à participação dos homens no magistério infantil. O objetivo aqui é refletir a respeito da participação dos homens no exercício da docência em creches e escolas do ensino fundamental. Trata-se de um estudo bibliográfico que toma como base referências da história da educação, textos literários e pesquisas recentes que possibilitam uma leitura da categoria gênero voltada para a discussão das contradições das relações construídas socialmente por homens e mulheres. Três momentos compõem o texto: o primeiro é uma visita a textos que trazem a questão do ensino nos primeiros séculos da história do Brasil; o segundo momento procura apresentar modos de ser professor retratados por escritores, poetas, pesquisadores, e, por fim, com bases em estudos mais recentes e pesquisas realizadas, refletimos um pouco mais sobre o jeito de ser professor. Estudos como este vem fortalecer a importância da participação de rapazes nos cursos de magistério, incentivando-os a se inserirem nos cursos de formação de professores, permanecerem e atuarem nas escolas, acreditando nestes espaços como locus de transformação social.

Palavras-chave: Gênero, Docência, Homens.

Introdução

Este trabalho é parte integrante de estudos e pesquisas realizadas no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande com o foco nas questões de gênero, sobretudo no que diz respeito à participação dos homens no magistério infantil, neste trabalho, entendido a partir da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Considera-se, e as estatísticas colaboram com esta informação, o magistério nestas etapas como sendo feminizado. Portanto, ter homens ensinando nestes lugares parece coisa estranha. Neste sentido, o objetivo deste texto é trazer reflexões a respeito da participação dos homens no exercício da docência em creches e escolas do ensino fundamental. Se na contemporaneidade o fenômeno da feminização do magistério não se põe à prova, não se nega, podemos questionar: foi sempre assim? Os homens, de fato, nunca foram adeptos ao ato de ensinar a crianças? Em caso contrário, o que os fez afastarem desse lugar?



O campo dos estudos da docência no magistério infantil continuamente se reveste de novas ideias frente ao movimento frenético das políticas públicas. Considerado desde o século XVIII como um campo de profissionalização da mulher, traz no seu âmago a própria contradição das relações construídas socialmente por mulheres e homens. Consolidado a partir do século XX, a feminização do magistério infantil trouxe à tona sujeitos invisíveis (as mulheres) para invisibilizar outros sujeitos, os homens. Esse processo chegou ao final do século XX representando, se não o mais consistente espaço de conquista das mulheres, um dos mais representativos¹. A escola ficou conhecida como um lugar de atuação das mulheres, um espaço onde elas organizam, cuidam, vigiam e educam. Mas também a escola continuou masculina, pois ali se lida fundamentalmente com o conhecimento, produzido historicamente pelos homens (LOURO, 1997). Podemos dizer que, ao que diz respeito ao homem diz respeito também às mulheres, conservando-se assim o caráter relacional da categoria gênero.

No Brasil a escola inicialmente é marcada pelo gênero masculino. O movimento de iniciação e de afastamento dos homens do magistério para crianças é motivado por fatores epistemológicos, culturais e ideológicos. O debate sobre este movimento é retomado no início deste século a partir do reconhecimento de um viés feminino nos estudos de gênero. Além do reconhecimento de que os estudos sobre o gênero masculino ainda são escassos², de que é necessário realizar pesquisas sobre tal perspectiva (CARVALHO, 1998), novos estudiosos surgem preocupados em dar visibilidade aos homens como objetos de pesquisa (ALBUQUERQUE Jr, 2003; OLIVEIRA, 2004; KORIN, 2006). Nesse percurso caminham os estudos que tratam do homem na educação de crianças e adolescentes.

O dado real é que a presença masculina na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental é muito pequena. Muitas crianças, muitos jovens, muitos adultos não viveram a experiência de serem alunos de um professor. Para muitas crianças a maior parte do tempo vivido na escola foi sempre na companhia de mulheres.

Para realização deste trabalho recorremos a estudos da história da educação, de autores e de pesquisas realizadas que apontam para o predomínio dos homens no exercício da instrução, da docência desde os primeiros três séculos da história da educação brasileira. A partir deles

¹ Marília Pinto de Carvalho (1998, p. 406) faz menção a alguns autores que confirmam a feminização do magistério: Araújo, 1993; Bergen 1982; Harrigan, 1992; Louro, 1989; Rousemaniere, 1994; Weiler, 1989.

² Um dos dados são os estudos de gênero.



enxergamos a participação dos homens no domínio da educação. A estratégia para esta percepção está na ação de reverter os estudos que tratam da educação da mulher, ou seja, considerando que as situações em que as mulheres foram subjugadas, discriminadas, vistas como seres desprovidos de direitos, entendemos que do outro lado estavam os homens.

Elegemos como pontos de reflexão três momentos básicos para composição deste texto. O primeiro é uma visita a textos que trazem a questão do ensino nos primeiros séculos da história do Brasil. No segundo momento procuramos apresentar modos de ser professor retratados por escritores, poetas, pesquisadores. Por fim, com bases em estudos mais recentes e pesquisas realizadas, refletimos um pouco mais sobre o jeito de ser professor. Nesta direção refletimos algumas ideias sobre o conceito de masculinidade,

No começo, o professor se fez presente

Leituras rápidas e desprovidas de uma percepção e conhecimentos sobre gênero podem esconder fatos que a história registra e que, de certo modo, não são percebidos. No cenário da educação fala-se muito mais da feminização do magistério do que dos homens enquanto professores.

Em 2005, uma revista especializada em educação, publicou uma matéria sobre o papel positivo dos homens na educação. Nesta matéria uma questão é levantada e de certo modo, continua atual. “quantos colegas do sexo masculino você tem dando aulas na Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental”. Certamente a resposta será dada com números muito pequenos. Todavia a pouca presença desses homens serve de reflexão para a própria formação do professor.

Uma leitura atenta para as questões de gênero ajuda-nos a perceber como a história da educação está profundamente marcada pela presença dos homens na condição de professores de crianças. No princípio eram eles quem administravam todo o ensino, que também era voltado para os meninos. Para confirmar esta afirmação, trazemos Ribeiro (2003) dizendo-nos que nos 322 anos de Brasil colonizado por Portugal, a educação feminina ficou reservada aos cuidados com a casa, o marido e os filhos.



Acostumados com o discurso das perdas históricas das mulheres, a começar pelo direito de aprender, de estar na escola, podemos inverter o foco do discurso para entender que uma vez subjugando o direito às mulheres, os homens afirmavam cada vez o seu poder nos destinos da comunidade, da província, da sociedade. Fazer a leitura do papel da mulher é também reconhecer a participação dos homens. Na Colônia a instrução era reservada aos filhos/homens dos indígenas e colonos. No exercício da responsabilidade de ensinar estavam os homens, instrutores, alimentados pelas ideias de que a mulher não devia aprender a ler. Ribeiro (2003) nos lembra que esta concepção de mulher desfavorecida de qualquer direito, a não ser o de cuidar do marido, da casa e dos filhos, era reforçada por uma tradição ibérica, trazida de Portugal para o Brasil. Segundo a autora, corria-se um versinho muito comum nas casas de Portugal e no Brasil: “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”. (RIBEIRO, 2003, p. 79).

Fora da possibilidade de aprender a ler, as mulheres tinham suas identidades marcadas pelas ideias e ações de homens que exerciam a função de educador, de alfabetizador. Gonçalo Trancoso foi um dos poetas portugueses mais lidos no século XVI. Entre outras funções que exerceu, foi preceptor e calígrafo de meninos. Para ele a mulher não devia nem falar. Isto significava total distanciamento dos lugares de aprendizagem da leitura e da escrita. No Brasil-colônia era o homem quem decidia as ações. Enquanto instituição mantenedora da instrução dos meninos estava a Companhia de Jesus. A educação na colônia era realmente uma questão de homem para homem ou de homem adulto para menino. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, na ânsia de alfabetizar os índios e os colonos, sempre à luz da perspectiva da ordem religiosa que defendiam, definem a doutrina a ser ensinada aos meninos. Manuel da Nóbrega, em carta dirigida ao Brasil, já define que “o Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever” (PAIVA, 2003, p. 43).

A sociedade portuguesa era centrada na hierarquia fundada na religião. Os parâmetros eram o serviço de Deus e o serviço d’El-Rei. Nesse cenário há de perceber e reconhecer que todo o poder estava centrado nas mãos de homens, eram eles padres, jesuítas, autoridades. Notadamente o ensino também é responsabilidade dos homens e muitos destes estão atrelados à ordem jesuítica. Inácio de Loyola foi o fundador da Ordem dos Jesuítas. Como mandatários de uma ordem religiosa, esses homens que ensinam reproduzem em suas práticas de instrução os ideais a respeito do sexo feminino.



A centralidade do poder português na hierarquia e na religião colaborava com o exercício do poder no cotidiano. A missão era garantir, por meio da educação, a manutenção dos colégios e conventos. Falamos, portanto, de lugares ocupados por padres, religiosos. Nestas instituições corriam-se os desejos de educar os filhos dos indígenas, dos colonos e da formação de novos missionários. Não havia espaço para as mulheres, a educação estava voltada exclusivamente para os homens.

Esse cenário permanece por bastante tempo até a efetiva chegada e permanência das mulheres no magistério. Isso vai se dando num processo lento, intenso e se consolida no século XX, marcando decisivamente o trabalho docente, quase que apagando totalmente a memória de que por vários séculos os homens foram os detentores do lugar de ensinar as crianças.

No cenário da literatura, a presença do homem e da escola

Vários foram os autores, poetas, escritores que registraram momentos, fatos que marcam a presença da escola e do homem. Machado de Assis, em “Conto de Escola”, escrito em 1840, traz o cenário de uma sala de aula onde se desenvolve a trama entre alunos e professor. A figura do professor é retratada de modo a nos permitir perceber que se trata de uma pessoa com mais ou menos 50 anos. A trama dar-se no interior da sala de aula, onde dois alunos fazem acordo, um, de posse de uma moeda de outro ganho da mãe no dia do aniversário e outro conhecer de assuntos que o professor ensinava. O acordo fora feito dentro da sala de aula, usando-se de estratégia para o professor não ver, certos de que uma vez descobertos seriam punidos. Quando descobertos pelo professor, fruto de informações de outro aluno, os dois alunos envolvidos levam 12 bolos com a palmatória. É a figura do professor rígido, carrancudo que prevalece.

Na obra *Memórias de um sargento de Milícias*, Manuel Antonio de Almeida, publicado em meados da década de 1850, descreve o professor como um sujeito “todo em proporções infinitesimais, baixinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos; tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dar cá aquela palha. Por isso era um dos mais acreditados na cidade” (ALMEIDA, 2004, p. 53-54). A exclusividade dos homens no papel de ensinar aos meninos, faziam-nos sujeitos bem respeitados pela comunidade. O professor era a pessoa a quem os alunos deviam respeitar.



A sua postura no processo de ensinar aos meninos era o de manter-se firme e fiel a sua forma de entender o mundo. O ensino era muito regulado pela disciplina e pelo medo. A palmatória, um dos instrumentos mais utilizados, era objeto indispensável às aulas. Também se servia de beliscões, puxões de orelhas, reguadas, além de agressões morais se transformavam numa prática corriqueira.

Atribui-se à pedagogia exercida por homens o caráter duro, rígido, severo, áspero. Nas várias passagens de práticas exercidas por homens, predominam essa ideia. Almeida (2004, p. 54) descreve uma situação em que alunos cantam uma ladainha sob os olhares atentos do professor:

O menor erro que alguns discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro cometido, e cascava-lhe pelos menos seis puxados bolos.

A escola do início do século XX descrita por Viriato [Correa](#) não foge à regra da rigidez do trabalho de professor exercido pelo professor. Viriato [Correa](#) conta-nos a história de Cazuzá, um menino nascido e criado em um pequeno povoado, depois se transfere para a vila e termina seus estudos na cidade de São Luiz do Maranhão. Nessa história a escola aparece como elemento importante para o conhecimento de Cazuzá. Desde pequeno morando no povoado, constrói uma ideia de escola bem apropriado a um menino que sonha e gosta da alegria. A ideia de uma escola alegre foi construída antes mesmo de chegar à própria escola. Via sempre as crianças saindo correndo, alegres, sorridentes. Mas era só nestes momentos que ele percebia que a escola podia ser esse lugar alegre. Não estava nela, não sabia quem era o professor. Cresce com essa expectativa e chega o grande dia. Acaba-se o encanto, o professor lhe imputava medo, receio. Assim Cazuzá descreveu seu encontro com o professor no primeiro dia de aula: *“tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada intratável e feroz”* (CORRÊA, 1983, p. 29). Não era apenas primeira impressão. No desenvolvimento das atividades na escola, cenas de castigo, de punição aconteceram confirmando a própria descrição que o menino fazia dele.

A disposição das cadeiras era sempre em filas e colunas, de modo a facilitar os mínimos movimentos dos alunos e a lhe permitir caminhar entre as carteiras. Nada era permitido a não ser por ordem do professor.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O Vavá veio sentar-se ao meu lado, como se tivesse medo de ficar sozinho no banco, por trás do meu. O velho João Ricardo ergueu-se subitamente, agarrou-o pela orelha e levou-o de novo ao banco. O movimento foi tão brutal que o Pedrinho, que estava perto se espantou, e, com o cotovelo, derramou o tinteiro. O Adão riu. O professor vibrou-lhe a régua na cabeça (CORRÊA, 1983, p.29).

Essa forma de desenvolver o trabalho de professor, embora não seja uma regra para todos, atravessou séculos marcada pela forma de se entender o próprio homem. O menino Cazuzza vai encontrar alento, alívio quando começa a estudar numa escola onde a mulher é a protagonista do ensino. “Dona Nenen, a professora da minha classe, foi quem primeiro entrou no meu coração (...) Um rosto bonito e tranquilo e um riso tranquilo e bonito clareando-lhe o rosto” (CORRÊA, 1983, p. 78). Cazuzza se encantou com a moça, vinte e quatro anos, um pouco mais, um pouco menos. Aquela professora conseguiu apagar a imagem do professor. Para ele um

Homem feio, bigode branco, óculos escuros, pigarro de quem sofre de asma. Nunca lhe vi um sorriso no rosto. Vivia zangado, com ar de quem está a ralhar com o mundo, cara amarrada, rugas na testa. Para as criancinhas do meu tamanho, representava o papel de lobisomem. Tínhamos um medo louco (CORREA, 1983, p. 19).

A representação de professor que Corrêa (1983) apresenta a partir da experiência do menino Cazuzza, indica a permanência em nosso imaginário da ideia de um homem pouco afeito ao afeto, mal humorado, com traços de descuidos corporais, homem que não se cuida, de aparência assustadora para as crianças.

As experiências de homens que ensinam crianças presentes nos contos, nas histórias vividas e contadas por historiadores, pesquisadores, escritores estão quase sempre trazendo aspectos históricos e culturais determinantes do significado do que seja homem e mulher em nossa sociedade. Esses aspectos não são estranhos aos homens que lecionam para crianças. Esse estranhamento decorre dos constructos atribuídos ao sexo masculino.

Na atualidade, pesquisas sobre o homem professor

Os estudos da masculinidade, se considerados no abrangente campo de estudos de gênero, apresenta um volume menor na relação direta com os estudos sobre mulheres. Mesmo considerando que essa diferença permaneça, não se pode negar que houve aumento nessas últimas décadas. Estudar esses sujeitos, estas experiências tem trazido um olhar diferenciado para o campo do magistério quando registramos experiências que vem, não apenas, confirmar práticas corriqueiras



marcantes do lugar do homem como sujeito da força, da frieza, do autoritarismo, do distanciamento afetivo com as crianças, mas também do homem sensível, atencioso, afetuoso, comprometido com as transformações da educação e dos próprios paradigmas que marcam as relações de gênero.

Estes estudos também apontam para o reconhecimento dos lugares onde os homens são mais presentes no magistério infantil. Ferreira (2008) mostra que os homens são mais presentes e mais visíveis ao conhecimento da comunidade nos pequenos municípios. O número de homens professores localizados em municípios da Paraíba, por exemplo, mesmo que sejam ainda menores do que o número de professoras, percentualmente é maior do que o número de homens professores nos grandes centros. Municípios existem com mais de 30% de homens no exercício da profissão docente. Nestes casos, são conhecidos como os professores. A presença destes homens nas escolas, na vida das crianças, define um novo olhar para o lugar dele no magistério. Para muitos, ensinar não é uma profissão feminina, por excelência, os homens também podem ser professores.

As experiências docentes exercidas por homens contribuem, também, para desnaturalizar esse lugar reconhecido como feminino, evidentemente, como mostrado no início deste texto, como um lugar de conquista das mulheres. O processo de feminização significa, antes de tudo, um processo que possibilitou às mulheres assumirem uma posição no campo social. A feminização do magistério, portanto, dar-se num espaço antes ocupado pelos homens. A sua concretização não pode ser vista apenas como troca de lugares, mas, sobretudo, como um processo de luta, de mudanças de paradigmas, de valorização do trabalho da mulher.

Em trabalhos realizados constatamos que paradigmas históricos permanecem resistindo e comprometendo a prática dos professores. Por outro lado, experiências de homens professores tem marcado esse lugar como um espaço onde homens contribuem para uma outra postura pedagógica, influenciando modos de ver a docência como um lugar para homens e mulheres.

Arruda e Ferreira (2015, p. 5) em pesquisa realizada na perspectiva de compreenderem as semelhanças e diferenças entre o trabalho da professora e do professor, partem da ideia de que

Aos homens estão associados valores e atributos que os fazem diferentes e muito mais do que isso, diferentes na dimensão de atributos considerados impróprios para a maioria das situações que enfrenta no trabalho escolar. Se as mulheres são meigas, carinhosas, os homens parecem ser identificados por características que vão de encontro a estas, ou seja, são duros, impacientes, não apresentam jeito para cuidar de crianças.



Encontram, no entanto, um professor que vai de encontro a este paradigma. Como o próprio professor falou, procuro adoçar a prática. Na sala, na escola, procura agir assim:

Na sala eu procuro ser pai, professor, psicólogo, de tudo eu procuro fazer para que os conflitos que aconteçam na sala eles não levem tudo que aconteceu naquele momento se o professor usar um pouco de inteligência, e nós somos inteligentes, ele não deixa nada ir para casa, eu procuro adoçá-los de uma forma que a raiva da criança não guarda mágoa, não guarda rancor, para ela.

Estas pesquisas, portanto, servem para contribuir como novos pensamentos, alimentando o desejo do aprofundamento delas. O que os homens que lecionam para crianças sabem sobre suas experiências? Como fazer este campo de estudos avançar. Pesquisas sobre este fenômeno necessitam ser ampliadas em razão das transformações de gênero, em particular, tem sido implementadas.

Este trabalho, construído a partir de referenciais teóricos e práticos, pretende ser mais um a contribuir com reflexões sobre a docência na educação infantil e anos iniciais. Para nós estes estudos vem fortalecer a participação de rapazes nos cursos de magistério, incentivando-os a inserirem nos cursos de formação de professores, permanecerem e atuarem nas escolas, acreditando nestes espaços como lócus de transformação social.

As pesquisas ultimamente realizadas provocam o pensar sobre as relações de gênero na medida em que ao se discutir a profissão docente a partir da presença de homens ou de mulheres, não se está fazendo senão, o diálogo entre ambos como protagonistas da profissão. Os estudos apontam que não existe, a priori, trabalho melhor ou não apropriado, mas reconhece-se as diferenças e que estas não devem ser elementos de desigualdades entre os gêneros, entre as pessoas que lecionam.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, G. L.; FERREIRA, J. L. **Relações de gênero: diferenças e semelhanças entre o Professor e a professora.** V Seminário de Gênero e Práticas Culturais. Anais. Fortaleza- CE. Universidade Estadual do Ceará. 2015. 1 CD. ISSN 2447-5416.

_____. **O lugar do homem no curso de formação para o magistério infantil.** IV Seminário de Gênero e Práticas Culturais: subjetividades e contradiscursos. Anais. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. 2013. 1 CD

CARVALHO, M. P. de. **Vozes masculinas numa profissão feminina:** o que têm a dizer os professores. Revista de Estudos Feministas. Vol. 6. Nº 06, 1998, p. 406-422.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CONNELL, R. W. **Políticas da masculinidade. Educação e Realidade.** 20(2), jul/dez, 1995, p. 185-206.

CORREA, Viriato. **Cazuza.** 31 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CUSCHNIR, Luiz. **Masculino, como ele se vê; Feminina como o homem vê a mulher.** 2 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1994.

FERREIRA, J. L. **Homens ensinando a crianças:** continuidade-descontinuidade das relações de gênero na escola rural. João Pessoa. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2008.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M., RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (orgs). **Homens e masculinidades:** outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998, pp. 31-50.

KORIN, D. **Nuevas perspectivas de género en salud/Novas perspectivas de gênero em saúde.** Disponível em: ><http://ral-adolesc.bvs.br/pdf/ral/v2n2/p03v2n2.pdf>. Acesso em 11 de julho, 2006.

LOURO, G. L. O gênero da docência. In: LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PAIVA, José Maria. Educação jesuítica no Brasil colonial. : LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 43-60

PERROT, M. **Os Excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RIBEIRO, Arilda I. M. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 79-84.